



Nota de Abertura

Margarida Louro Felgueiras
Antón Costa Rico

As viagens e os contactos que elas propiciam foram sempre um meio de enriquecimento cultural, pela troca de ideias, pelo confronto de culturas e suas formas de vida. Com origem em desígnios pacíficos de comércio, de turismo ou em projectos de dominação política e económica, geraram cruzamentos e mestiçagens culturais. A consciência deste facto tem vindo a multiplicar os olhares sobre essas experiências e trajectórias quer ao nível dos estudos literários quer de outros ramos do saber.

Entre os que viajaram nos séculos XVIII ao XX, muitos foram forçados ao exílio para salvar a vida ou pela intolerância e estreiteza cultural dos seus países. No estrangeiro mantiveram contactos com amigos e familiares, dando a sua visão das sociedades que os acolheram, confrontando-as com as realidades vividas em Portugal e Espanha. A circulação de pessoas, portadoras de culturas e de ideários constituídos pela vivência em mundos diferenciados promoveu a apropriação de traços culturais e a sua estruturação compósita. Dentre esses elementos, a forma escolar foi, desde o surgimento das “economias mundo”, um instrumento de aculturação ao serviço das culturas dominantes. Simultaneamente, ao ser apropriada gerou cruzamentos culturais, que no jogo de forças sociais a nível local, nacional e internacional deram forma às sociedades contemporâneas. Serviu, principalmente desde o século XIX, como instrumento de medida do progresso das sociedades, permitindo-as classificar na escala que ia da barbárie à civilização. Mas a circulação e a mestiçagem dos discursos, práticas e ideários educativos ou outros, efectivam-se através do contacto entre pessoas, que funcionam como filtros e passadores culturais.

Num momento em que se discute a questão da memória e do esquecimento sobre as atrocidades do século XX, pareceu-nos oportuno escrutinar

como os ideários de liberdade se configuraram na História da Educação dos países ibéricos.

Entre os viajeros da liberdade e da cultura pretendemos referenciar aqueles, que forçados por exílios, se viram afastados dos seus países (Espanha e Portugal) e acreditaram que por meio do debate de ideias sobre a educação poderiam contribuir para o seu progresso e para a obtenção de um clima de liberdade. Ao fazê-lo, procuramos aliar ao dever de memória uma análise serena, de longa duração, sobre as relações e implicações dos ideários, neste caso de Liberdade, nos discursos educativos de ambos os países. De igual modo, referimos os que por diversos motivos, desde o século XVIII ao XX, empreenderam deslocações e contactos com outros países e funcionaram como mediadores de modelos e propostas educativas.

Foi este o tema do VII Encontro Luso-Espanhol de Historiadores da Educação, que se realizou na cidade de Paredes, Portugal, de 18 a 20 de Setembro de 2009. Reuniu cerca de cinquenta investigadores de Portugal e Espanha, teve como objectivos analisar, partilhar e reflectir os contributos de alguns desses ideários e discursos educativos, que se traduziram em propostas, e a forma como estas foram concretizadas, debatidas ou recusadas pelos seus concidadãos. Promovido pela Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) e pela Sociedad Española de Historia de la Educación e realizado pelo Núcleo de Educação, História e Museologia do Centro de Investigação e Intervenção Educativas – CIIE, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, o Encontro teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), da Reitoria da Universidade do Porto, da Câmara Municipal de Paredes e da Caixa de Crédito Agrícola de Paredes. Devemos um agradecimento particular ao Dr. António Barroso, da Comissão Organizadora, pela colaboração inextinguível para que esse evento fosse possível.

O livro *Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos. Portugal-Espanha, séc. XVIII-XX* reúne um conjunto de textos de historiadores espanhóis e portugueses, convidados para o efeito por ambas as Sociedades, que procuram inscrever os contributos desses protagonistas na experiência educativa dos nossos países. Ao fazê-lo acabamos por retratar as formas como as nossas sociedades conseguem lidar com os dilemas que os ideários de liberdade enfrentaram no passado e no presente. Desejamos que a presente obra seja um ponto de partida para o alargamento da análise de diferentes exílios e formas de contacto e dos seus contributos para a apropriação de ideais e modelos educativos.

Dos textos apresentados salientamos a ênfase com que em Espanha se debate e estão presentes os exílios, enquanto que em Portugal se prefere olhar sobretudo as viagens, tendo-se dificuldade, ainda, de inscrever os exílios e os exilados na nossa realidade social.

A obra encontra-se organizada cronologicamente, existindo para cada época tratada pelo menos dois textos – um português e um espanhol. Os dois primeiros, da autoria de Luís Reis Torgal e de António Viñao Frago, abordam a temática dos exílios e das viagens de forma abrangente, procurando enquadrar os textos seguintes, organizados do século XVIII ao século XX. O século XVIII e XIX foram abordados por Fernando Machado e Julio Ruiz Berrio, incidindo no contributo de autores consagrados, como Pina e Proença, Garrett ou Pablo Montesino, tendo Justino Magalhães procurado definir um quadro organizador para ordenar, *no binómio modernização/sistema escolar, três gerações assinaladas pela mobilidade, mas distintas pela tónica de afectação: estrangeirados, exilados, emigrados*. Áurea Adão aborda as viagens pedagógicas (visitas e estágios) que no final do século XIX foram consideradas importantes para “alargar e modificar as ideias adquiridas, ver a realização prática delas, observar métodos de ensino” e introduzir novos domínios científicos.

O Século XX é abordado por José Ignacio Cruz Orozco que elegeu a trajectória do exílio republicano espanhol de 1939, para o analisar a partir da perspectiva dos exilados e o modelo de escola republicana por que tinham lutado; por Patricia Delgado Granados, que a partir das memórias de exilados congregados no Colégio Madrid do México procurou recuperar o passado recente, como exercício de justiça face aos exilados e, simultaneamente, um exercício didáctico de consciencialização do significado da História no presente, que permita conhecer os factos históricos e forjar um critério moral e político; Antón Costa Rico traça a influência da pedagogia Freinet entre o professorado espanhol, que remonta a 1926, e a difusão que os mestres republicanos fizeram no exílio, em diversos países da América Latina.

No caso português, o século XX foi tratado por António Candeias em *Anarquismo, sindicalismo e educação no 1º terço do século XX em Portugal: os “alternativos”*? Este foi talvez dos últimos textos escritos por António Candeias, pelo que a sua publicação toma a forma de uma pequena homenagem ao colega e historiador interventivo que foi, revelando aqueles que propondo alternativas foram silenciados e esquecidos. Relativamente à segunda metade do século XX, dado a escassez de estudo e debate sobre esse período em Portugal, recorreremos ao contributo de Ana Benavente, que viveu exilada na Suíça e que no regresso a um país a viver em Liberdade protagonizou nos anos

90, em Portugal, políticas de mudança no campo educativo. Ana Benavente, que conjuntamente com outros companheiros de exílio, prepara um livro com testemunhos dessa época, aceitou responder a uma entrevista que lhe dirigimos por escrito. É um testemunho na primeira voz, que ao fechar este volume abre para a necessidade de recolher outros, de mapear trajectórias e experiências, de preservar fontes e desocultar processos sociais sofridos, que nos reconduziram a ideários e sobretudo a práticas de libertação e de Liberdade. Recuperar estas memórias de diáspora permitirá inscrevê-las nas nossas práticas sociais, como processo de conscientização, onde a educação e a memória colectiva tem um papel central.

Agradecemos o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e da Reitoria da Universidade do Porto, que tornaram possível esta publicação.